

Brontë, Emily. *O vento da noite*. Tradução de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, 154 p.

Denise Bottmann
Tradutora

I.

A notícia de que a Civilização Brasileira relança *O vento da noite*, coletânea de poemas de Emily Brontë traduzidos por Lúcio Cardoso, é de despertar enorme entusiasmo e gratidão em qualquer apreciador de Brontë, de Lúcio e da história da tradução no Brasil. Para dar uma dimensão da importância desse relançamento, esboçemos rapidamente a crônica dessa obra entre nós.

O vento da noite foi publicado em 1944 pela José Olympio Editora, em sua Coleção Rubaiyat, volume 14, com belas ilustrações de Santa Rosa. Continha 33 poemas de Brontë, abarcando todo o leque temporal de sua produção poética (1836-1846).

Há algumas incógnitas sobre as quais podemos apenas especular, com maior ou menor grau de segurança. A primeira delas se refere à edição que foi adotada pelo tradutor brasileiro como base para sua tradução. O volume da Coleção Rubaiyat não traz essa informação, mas uma coisa podemos afirmar com toda a certeza: ter-se-ia tratado de um volume posterior a 1910 e anterior a 1941.



Como podemos ter tanta certeza? É simples, e aqui devemos recuar ao século XIX. Emily Brontë publicou em vida apenas 21 poemas. Faziam parte de uma coletânea intitulada *Poems*, que trazia também poemas de suas duas irmãs, Charlotte e Anne, lançada em Londres em 1846, assinada com pseudônimos masculinos – a saber, Currer, Ellis e Acton Bell, preservando as respectivas iniciais de cada uma das irmãs. O livro, aliás, vendeu ao todo apenas dois exemplares! Vindo Emily Brontë a falecer em 1848, em 1850 Charlotte incluiu na reedição de *Wuthering Heights* e *Agnes Grey* – este de Anne Brontë, também falecida – outros dezoito poemas da irmã, até então inéditos.¹ Com isso, até o começo do século XX temos apenas 39 poemas de Emily publicados em livro. Em 1902, saem mais 67 poemas seus numa edição particular, restrita a 110 exemplares, pela Dood, Mead and Co., de Nova York. Somente em 1910 é que é lançado o fabuloso trabalho de Clement Shorter, *The Complete Poems of Emily Brontë*, com 177 poemas, que lhe foi possível reunir, organizar e editar graças aos cadernos de Emily, os quais lhe haviam sido franqueados por Arthur Bell Nichols, marido de Charlotte.

A edição Shorter se tornou então a grande referência para a produção poética de nossa autora, com uma nova edição em 1915, revista e corrigida. No entanto, outros estudiosos, em particular Charles W. Hatfield, prosseguiram em suas pesquisas e em 1923 sai uma edição ampliada e refundida, em colaboração entre Shorter e Hatfield, com o título de *Complete Poems of Emily Jane Brontë*. Mas a aventura não cessou por aí: Hatfield constatou mais algumas

¹ Essa edição dos poemas de Emily por iniciativa de sua irmã veio, em análises posteriores, sobretudo de Hatfield, a ser contestada em diversos aspectos. Constatou-se, entre outras coisas, que os poemas foram objeto de várias e extensas modificações e acréscimos feitos por Charlotte, como em *The Visionary*; de “Often Rebuked” (*Stanzas*) não se encontrou qualquer indicação ou manuscrito de Emily, sendo mais provável que fosse de autoria da própria Charlotte; existem manuscritos posteriores a *No Coward Soul*, demonstrando que este não foi o último poema escrito por Emily, à diferença do que afirmava a irmã, e assim por diante.

falhas de atribuição e localizou outros textos inéditos. Em 1941, por fim, sai a edição definitiva dos *Complete Poems*, a seu cargo, com 193 poemas. É a partir dessa exaustiva arqueologia empreendida por Hatfield que se deixa de reconhecer “Often rebuked” como peça da lavra de Emily e se evidencia que *No Coward Soul*, ao contrário do que afirmava Charlotte em sua edição de 1850, não foi o último poema de Emily.

II.

Voltemos a *O vento da noite*: como disse acima, o livro traz 33 poemas. Entre esses 33 poemas, quatro faziam parte daquele primeiro lançamento de 1846, com o pseudônimo de Ellis Bell. Dez outros já eram conhecidos pela publicação de 1850, aos cuidados de Charlotte; dez tinham vindo a lume, ainda que privado, em 1902 e nove haviam continuado inéditos até 1910, quando saíram na edição Shorter.

Note-se que na antologia traduzida por Lúcio Cardoso não consta nenhum dos poemas resgatados por Hatfield; por outro lado, temos a presença de “Often rebuked”, rejeitado pelo estudioso, e a citação das palavras de Charlotte em *No Coward Soul* (“os últimos versos que minha irmã escreveu”). Isso nos permite supor com bastante segurança que a antologia utilizada para a tradução brasileira não se valeu da brontiana definitiva estabelecida por Hatfield.

E aqui, ao falar em “a antologia utilizada para a tradução brasileira”, devo expor uma de minhas hipóteses de fundo: a meu ver, pode-se considerar, e aqui também com razoável margem de segurança, que o conteúdo de *O vento da noite* não foi fruto de uma seleção feita pelo editor ou pelo tradutor.

Com que base afirmo isso? Por um procedimento de comparação e exclusão. *Todos* os demais lançamentos da Coleção Rubaiyát, quando seu conteúdo derivava de alguma seleção realizada pelo tradutor,

traziam os respectivos créditos, até mesmo colocando o nome do responsável pela seleção como autor da obra, fosse na capa, no caso das edições em brochura, ou na página de rosto, nas edições em capa dura. É o que se vê, por exemplo, na *Nietzschiana*, nos *Cantos de Walt Whitman*, nos *Gazéis de Hafiz*, nas *Flores das “Flores do Mal” de Baudelaire* e assim por diante. Se Lúcio Cardoso ou algum colaborador da editora tivesse sido o responsável pela seleção dos poemas que compõem *O vento da noite*, a ausência dos devidos créditos constituiria uma insólita e inexplicável exceção na política editorial da coleção. Em verdade, seria uma exceção até mesmo na política editorial de toda a José Olympio, em suas diversas coleções e edições avulsas: cabe lembrar que foi ela a principal editora a dar grande destaque em suas capas e na divulgação de seus lançamentos aos créditos de seleção, organização e tradução, por contar com a colaboração de intelectuais, críticos e escritores de renome.

Voltando à nossa reconstituição: temos, portanto, um belo voluminho in-16, como eram todos os volumes da Rubaiyát, com 33 poemas de Emily Brontë, em sua grande maioria vindos a público apenas no século XX, traduzidos por Lúcio Cardoso, já bastante famoso, autor da casa desde 1935 e seu fiel colaborador na seara tradutória desde 1940. Como original, terá sido usada uma seleta com esses mesmos 33 poemas, talvez com um ou outro a mais, publicada após 1910 e antes de 1941.

III.

Antes de passarmos ao conteúdo propriamente dito de *O vento da noite*, detenhamo-nos por um instante no brevíssimo prefácio de Lúcio Cardoso, que assim inicia:

Elizabeth Bowen, no seu pequeno livro sobre romancistas ingleses, afirma que o gênio das Brontë é um fenômeno, não apenas da literatura inglesa, mas da literatura em ger-

al, em sua acepção mais ampla. (CARDOSO, p. 15 in BRONTË, 2016)

Elizabeth Bowen, assim invocada por Lúcio Cardoso como autoridade de envergadura suficiente para dar sua chancela à importância daquela publicação, era uma crítica bastante famosa na época, que acabara de ter seu breve ensaio *English Novelists* publicado pela José Olympio, sempre ela, numa coleção popular de textos de divulgação chamada “A Grã-Bretanha Ilustrada”, em tradução de Geraldo Cavalcanti.

E o sucinto prefácio de dois parágrafos de Lúcio Cardoso assim termina:

Dos poemas de Ellis Bell é a versão que a Livraria José Olympio Editora agora apresenta ao público brasileiro; tradução livre, de poemas que hoje são considerados como dos mais altos, dos mais belos e dos mais característicos da língua inglesa. (CARDOSO, p. 15-16 in BRONTË, 2016)

Como assim, “poemas de Ellis Bell”? Sabemos, claro, que foi este o pseudônimo literário utilizado por Emily Brontë em vida. Mas “dos poemas de Ellis Bell” temos apenas quatro em *O vento da noite!* É uma *boutade* de Lúcio? É um reconhecimento *avant la lettre* da atual questão de gênero? Ou, pergunta talvez mais pertinente, até que ponto Lúcio Cardoso estava familiarizado com a produção poética brontiana e sua fortuna histórica?

E aqui abrimos espaço para mais algumas especulações. Há quem veja profundas relações e analogias entre *Crônica da casa assassina* e *Wuthering Heights*, que conhecemos como *O morro dos ventos uivantes*, romance único e celeberrimo de nossa autora. Talvez essa chave de leitura até seja possível, mas, em todo caso, a *Crônica* é bem posterior à tradução de 1944 e seria descabido ana-

cronismo transpor tais eventuais relações para o caso de *O vento da noite*. Mesmo a suposição de que o possível contato de LC com WH antes de 1944 tivesse exercido alguma incidência significativa sobre o entendimento dos poemas que iria traduzir parece-me excessiva. Pois o fato é que, em primeiro lugar, nada permite supor que Lúcio, pelo menos nos anos 1940, tivesse qualquer grande conhecimento direto da obra poética de Brontë. Um conhecimento indireto, por terceiros, sim, claro, não só é possível, como também até provável: basta lembrar que seu colega de letras e de preocupações existenciais de fundo católico, Tasso da Silveira, escrevera em 1928 sua conhecida *Balada de Emily Brontë*, e nos meados dos anos 1930 andara publicando na imprensa alguns excertos de dois ou três poemas de Emily, em tradução sua². Então, sim, podemos dizer que Lúcio Cardoso, antes de traduzir *O vento da noite*, provavelmente sabia que Emily escrevia poemas. Conhecia-os? Disso já duvido um pouco. Não se encontram fontes que indiquem tal possibilidade, e as três ou quatro velocíssimas menções a Emily em seus alentados diários não sugerem qualquer contato com a obra poética da autora. Em segundo lugar, por outro lado, é possível que Lúcio Cardoso já tivesse contato com *Wuthering Heights*, fosse no original ou talvez por meio da tradução de Oscar Mendes publicada em 1938 pela Globo, em sua Coleção Nobel.

Assim, o quadro que se vai configurando é o seguinte: a editora propõe uma tradução a Lúcio, o qual aceita, e a obra em questão é uma antologia de poemas de Emily Brontë, cuja faceta poética ele desconhecia. Lúcio lê o livrinho de Bowen publicado pela JO e, num rápi-

² A título de curiosidade, vale lembrar que a ele, Tasso da Silveira, deve-se “*O Morro do Vento Uivante*” como tradução para *Wuthering Heights*. Ganhando um plural, ele veio a ser adotado como título em todas as edições brasileiras do romance. Somente a tradução de Rachel de Queiroz, para a Coleção Fogos Cruzados da José Olympio, em 1948, manteve o singular de Tasso e incluiu na obra sua *Balada de Emily Brontë*. Eis seus versos iniciais: No Morro do Vento Uivante/ o vento passa uivando, uivando.../ No Morro do Vento Uivante/ há um casarão sombrio/ cheio de salas vazias/ e corredores vazios...

do salto, dali infere que o conteúdo de *O vento da noite* corresponde aos poemas publicados em 1846 sob o pseudônimo de Ellis Bell:

Em 1846, já em Haworth, as três irmãs publicaram juntas um livro de poemas sob os pseudônimos de Currer, Ellis e Acton Bell, ou melhor, Charlotte, Emily e Anne Brontë. [...] Dos poemas de Ellis Bell é a versão que a Livraria José Olympio Editora agora apresenta ao público brasileiro. (CARDOSO, p. 15-16 in BRONTË, 2016)

Parece-me ser esta uma maneira plausível, talvez a única plausível, de explicar a referência a “Ellis Bell” na conclusão do prefácio de LC, qual seja, um perfunctório alinhavo entre alguns dados extraídos de Bowen e a equivocada ilação de que os poemas contidos em *O vento da noite* pertenceriam à edição ellisbelliana.

IV.

Se esse arrazoado até o momento pode vir a sugerir algum despreparo do tradutor diante da tarefa que lhe fora posta pelo editor, desperutando quiçá uma ponta de desconfiança no leitor perante o resultado da tarefa cumprida, o que vemos ao abrir as páginas dos poemas em *O vento da noite* é um verdadeiro deslumbre, ainda mais surpreendente pela aventada incipiência do contato do tradutor com a poeta.

E aqui me permito uma advertência ou, melhor dizendo, um conselho: Ó leitor, não te deixes ludibriar por essa palavrinha tão sorrateira, de significado tão escorregadio, “tradução”. Expulsa de teu espírito a tentação de perseguir quiméricas equivalências.

Pois o fato é que Emily se esmera nas rimas, nos metros, nos ritmos, nas tônicas em suas estrofes de quatro versos. E não, Lúcio não segue rimas, não segue metros, não segue ritmos e tônicas, não segue sequer o número de versos. Emily multiplica aliterações,

assonâncias, metáforas. Lúcio não se pauta por suas sonoridades e figuras de linguagem. Lúcio não se detém sequer no tom dolorosamente lírico de Emily: carrega, exacerba, dramatiza, excede. O romantismo dela nas mãos dele se faz ainda mais sombrio. E no entanto, e no entanto, quem mais poderia ouvir o que ressoa em *And all their myriad voices* e dizê-lo *sua voz miriápode*? E de onde brotam góticas sublimidades como:

Assim ouviu a voz,
Doce como um perfume, chamar pelo seu nome,
Uma vez somente.
E depois o eco esmoreceu aos poucos...
Mas viam-se fugir, a cada batida do coração,
As asas do horror.

A mesma vida sempre acabava de morrer. (BRONTË, 2016, p. 70)

a partir de:

Once his name was sweetly uttered,
Then the echo died away;
But each pulse in horror fluttered,
As the life would pass away. (BRONTË, 2016, p. 71)

se não de uma empatia afetiva levada a uma extrema radicalização?

A mesma vida sempre acabava de morrer/ *As the life would pass away!* E não se fale em transfusão, transcrição, recriação. Fale-se em diálogo, às vezes talvez áspero, fale-se em irmanamento, às vezes talvez conflituoso, fale-se num inesperado e fulgurante encontro entre remotos parentes, apartados no tempo e no espaço. O acompanhante segue fascinado a dama, parafraseando-lhe a fala, em outra entonação, em outra atmosfera, como que formando um

dueto fantasmagórico.

Num aparte, gostaria de comentar que tal relação parafrástica de Lúcio Cardoso com Emily Brontë, em que se percebe uma aguda atenção, uma escuta de tipo existencial, traz-me à lembrança outro nome de nossas letras que, em suas traduções, também imergia na palavra do outro e dali reafiorava trazendo sua palavra própria, indelevelmente própria: Ana Cristina César.

Retomando, essa estranha e fecunda relação que temos diante dos olhos em *O vento da noite* exigiu naturalmente que houvesse, de antemão, um solo propício para medrar e se desenvolver. Refiro-me, claro, à extrema e peculiar sensibilidade de Lúcio Cardoso às “coisas da alma”. Se pôde traçar um retrato poético de Emily Brontë, ressaltando fortemente alguns traços, atenuando e até apagando outros, como que numa figuração expressionista, foi porque sua subjetividade assim lhe permitiu e ditou. Mas, talvez ainda mais interessante – e se, como dizem tantos conhecedores de Brontë, ecos de seus poemas ressurgem com audível vigor em *Wuthering Heights* –, cabe a indagação sobre as ressonâncias desse contato tão íntimo, quase sensual, do Lúcio tradutor com o lado mais sombrio da poética brontiana na prosa ulterior do Lúcio romancista.

É também por esse aspecto relativo a nosso sistema literário, entendido como o conjunto de relações envolvendo autor, tradutor, editor, leitor e mútuas imbricações ao longo do tempo, que o relançamento d’*O vento da noite*, depois de mais de setenta anos desde sua publicação inicial, provoca tanto entusiasmo: permite reavivar questões ainda não respondidas e despertar novas indagações sobre a obra de um dos maiores autores brasileiros, Lúcio Cardoso.

Recebido em: 19/03/2016

Aceito em: 06/04/2016

Publicado em setembro de 2016